

Antonio Negri Félix Guattari

As verdades nômades
Por novos espaços de liberdade

As verdades nômades: por novos espaços de liberdade

©Editora Filosófica Politeia & Autonomia Literária, 2017

©Antonio Negri, 2017

Conselho editorial: Cauê Seignemartin Ameni, Hugo Albuquerque,
Manuela Beloni e Mario A. Marino

Tradução: Mario Antunes Marino e Jefferson Viel

Revisão: Maria Alice Pavan Sabino

Projeto gráfico: Juliano Bonamigo Ferreira de Souza

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste livro, para uso privado ou coletivo, em qualquer meio, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com os editores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vagner Rodolfo CRB-8/9410

N386v Negri, Antonio

As verdades nômades: por novos espaços de liberdade / Antonio Negri, Felix Guattari ; traduzido por Mario Antunes Marino, Jefferson Viel. São Paulo : Autonomia Literária e Editora Politeia, 2017.

214 p. ; 14cm x 20cm.

Tradução de: Le verità nomadi

Inclui bibliografia e índice.

ISBN: 978-85-69536-12-3

1. Filosofia política. I. Guattari, Felix. II. Marino, Mario Antunes. III. Viel, Jefferson. IV. Título.

2017-455

CDD 320.01

CDU 321.01

Índice para catálogo sistemático

1. Filosofia política 320.01

2. Filosofia política 321.01

Editora Filosófica Politeia e Autonomia Literária

São Paulo, 2017

www.editorapoliteia.com.br

www.autonomialiteraria.com.br

Antonio Negri Félix Guattari

As verdades nômades
Por novos espaços de liberdade

Tradução

Mario Antunes Marino e Jefferson Viel

1ª edição

São Paulo, 2017



Sumário

Apresentação	vii
------------------------	-----

AS VERDADES NÔMADES

1 Chamamos de comunismo...	3
2 A revolução começou em 68	15
A produção socializada	17
Para além do político	23
As novas subjetividades	30
3 A reação dos anos 1970: “no future”	37
O Capitalismo Mundial Integrado	39
Norte/Sul: terror e fome	46
A direita no poder	54
4 A revolução continua	61
A recomposição do movimento	63
A cesura terrorista	69
Uma nova política revolucionária	76
5 A nova aliança	85
Um método molecular de agregação	87
Máquinas de luta	92
As novas linhas de aliança hoje	100
6 Pensar e viver de outro modo. Propostas	109

APÊNDICES

<i>Das liberdades na Europa, Félix Guattari</i>	127
<i>Carta arqueológica, Antonio Negri</i>	147
<i>Posfácio, 1990, Antonio Negri</i>	171
Índice	197

Um discurso de esperança. É assim que Toni Negri qualifica o livro que ora apresentamos ao leitor brasileiro. Publicado originalmente em 1985, este livro foi escrito sob o signo do luto de que se vestiu o ímpeto revolucionário dos movimentos de criação e contestação política e social que varreram o Ocidente nos anos 1960. A cultura e as lutas que se ergueram em torno de maio de 68, marcando toda uma geração de militantes e intelectuais, foram derrotadas na década seguinte. Simultaneamente, deu-se início ao processo de reestruturação do capitalismo, cuja vitória se consolidou nos anos 1980. Instauravam-se os anos de inverno, observa Guattari. Na Itália, persistiam os “anos de chumbo” e a repressão aos movimentos extraparlamentares de esquerda; na França, o governo socialista de François Mitterrand abandonava o programa de renovação social que o conduzira ao poder; na Aliança Atlântica, Reagan e Thatcher arrancavam da relativa obscuridade a doutrina neoliberal; na URSS, o autoritarismo do chamado “socialismo real” ainda fazia suas últimas vítimas.

Vivia-se um estado de contrarrevolução permanente. Guattari e Negri, que participavam ativamente dos movimentos, foram profundamente atingidos. Quanto ao

último, o caso é manifesto. Nome conhecido nas lutas operárias e na esquerda autonomista italiana, Negri, junto a outros militantes e intelectuais, foi alvo de uma ampla repressão política desencadeada pelo Estado italiano. Doutra parte, Guattari sentia profundamente o esgotamento da imaginação e dos projetos políticos que dominaram os anos 1960, o que, somado a fatores de ordem pessoal, contribuiu intensamente para o agravamento de uma profunda melancolia que nessa época atingia o incansável agitador francês e que só se dissipou pouco antes de sua morte, em 1992. Não obstante, como dirá Negri em outra ocasião, deve haver um modo de reconhecer uma derrota sem ser derrotado. Não nos parece ter sido outra a força que impulsionou a escrita deste opúsculo.

O projeto de *As verdades nômades* nasce quando Negri está encarcerado em Roma. Atento às movimentações políticas na Itália, Guattari vai diversas vezes àquele país e visita o amigo na prisão. Desde então, a troca de correspondência entre eles se intensifica. Para ajudar Negri a suportar a pena, Guattari lhe propõe em 1982 escrever em conjunto. Em 1983, Negri é eleito deputado pelo Partido Radical. Em junho é libertado por gozar de imunidade parlamentar. Em setembro, o parlamento italiano revoga a sua imunidade. Negri vai então para França, onde é acolhido como refugiado político, beneficiado pela Doutrina Mitterrand, até 1997. Novamente reunidos, os dois amigos retomam o trabalho conjunto. O livro é publicado em 1985 sob o título de *Les nouveaux*

espaces de liberté pela editora Dominique Bedou. Essa edição é composta por seis capítulos seguidos de dois textos escritos individualmente — “Das liberdades na Europa”, de Guattari, e “Carta arqueológica”, de Negri —, aqui reproduzidos no primeiro e segundo *Apêndices*. Além disso, a presente edição traz o “Posfácio, 1990”, apresentado inicialmente na edição italiana, publicada em 1989 pela Pellicani sob o título de *Le verità nomadi*, e ampliado para a edição estadunidense, publicada pela Semiotext(e) no ano seguinte sob o título de *Communists like us*. Finalmente, reproduzimos ainda uma pequena nota que acompanha o “Posfácio, 1990”, escrita por Negri para a reedição francesa da obra, publicada pela editora Lignes em 2010.



Antes de tudo, este livro é uma resposta à derrota dos movimentos de contestação política e social dos anos 1960. Qual é o significado da derrota? Esse evento, diz Negri, foi carregado de uma “espessura ontológica tão importante quanto aquela que a transformação das consciências, na luta revolucionária, construiu como riqueza de necessidades, de desejos e de inteligência”. Portanto, ele deve ser minuciosamente avaliado. “Fomos vencidos”, e diante disso, ele insiste, “só nos resta repensar a derrota, as suas razões, os modos pelos quais o inimigo nos venceu, lembrando que não há linearidade da memória, há apenas uma sobrevivência ética”. Tal diagnóstico é

partilhado por Guattari. Ante o retorno do entrave reacionário, ele reavalia seus posicionamentos anteriores. É preciso, ele assinala, “fazer a triagem entre aquilo que deve ser reafirmado mais vigorosamente que nunca e um certo número de ideologias ultrapassadas, que devem ser urgentemente relegadas ao museu dos mitos decaídos”.ⁱ

Admitir a derrota ou, mais do que isso, admitir a própria derrota e tencionar uma reavaliação das próprias crenças, posicionamentos e conclusões precedentes com tamanha franqueza é um gesto infrequente tanto na filosofia quanto na política. Assim, o que nossos autores propõem neste livro deve ser percebido como um ato de coragem. Primeiramente, coragem para admitir a derrota sem meias tintas e, mais que isso, para reconhecer sua gravidade. A partir dela, é inútil aferrar-se à nostalgia dos anos primaveris em que o vigor da imaginação e da ação políticas fazia aproximar a perspectiva de uma transformação real daquele estado de coisas. Ao contrário, dizem respectivamente Negri e Guattari, “devemos nos convencer de que não há memória nem repetição possível de um evento” e, por conseguinte, tampouco razão para “manter-se fiel aos fantasmas da esquerda tradicional”. A derrota constitui “um limite sólido, um obstáculo que somente uma capacidade de crítica enorme conseguirá retirar da via do conhecimento e da subversão social”. E é justamente na tentativa de suplantá-la e reabrir as vias do conhecimento e da subver-

ⁱ Respectivamente “Carta Arqueológica”, p. 152 *et seq.*, *infra*, e GUATTARI, *Les années d’hiver*. Paris: Prairies Ordinaires, 2009, p. 31 *et seq.*

são que podemos conferir o caráter positivo, por assim dizer, do ato de coragem de nossos autores.

Além de admitir a derrota, recusando tanto a “repetição teórica de um método” quanto a “rememoração fantástica das práticas felicíssimas do passado”, é preciso recuperar aquilo que merece ser afirmado com vigor ainda maior, como disse Guattari, e sobretudo avaliar o que pode ser construído de novo. Destarte, encontramos logo na abertura de *As verdades nômade*s o primeiro passo de um projeto que visa recuperar o conceito de comunismo, apresentando de maneira embrionária, mas com impressionante lucidez, as reflexões que Negri desenvolverá junto a Michael Hardt em obras como *O trabalho de Dioniso* (dedicada ao amigo francês), *Império*, *Multidão* e *Bem-estar comum*.

O projeto de resgatar o comunismo da infâmia na qual se encontrava significa resgatar o seu princípio e a sua imaginação. De fato, nossos autores começavam a enxergar, na passagem para a segunda metade dos anos 1980, a abertura de um novo horizonte. Havia a derrocada do socialismo soviético de tipo stalinista, a epopeia do Solidarność polonês, o movimento pela paz e pela defesa da natureza na Alemanha, os movimentos de liberação no Cone Sul. Nesse cenário de surgimento de novos sujeitos constituintes, o comunismo se coloca como “programa essencial e mínimo”. É tempo da nossa imaginação se fazer revolucionária, eles dizem, de fervilhar os processos coletivos e singulares, inundando o mundo com “uma imensa onda de recusa e de esperança”.

Ao mesmo tempo, a reestruturação capitalista iniciada nos anos 1970 responde aos levantes da década anterior, buscando dividir e integrar o proletariado — isto é, todos aqueles que trabalham sob o capital — em âmbito global. Semelhante reação se fez necessária devido ao caráter dos movimentos contestatórios de 68. Como explicam os autores, retomando a chamada “hipótese operarista”, a luta entre as classes proletárias e patronais colocaram um desafio para o capital: a lei do valor já não encontrava sua explicação na mera apropriação de quantidades de trabalho concreto, isto é, na jornada de trabalho despendida nas linhas de produção; em vez disso, as novas modalidades de produção se desterritorializavam cada vez mais, ultrapassando os muros das fábricas e investindo na esfera da reprodução social. “A família, a vida pessoal, o tempo livre e talvez mesmo a fantasia e o sonho, tudo apareceu doravante assujeitado às semióticas do capital” e devidamente ajustado aos regimes formais de governo do Leste e do Oeste. Esse transbordamento da produção para a esfera da reprodução social, esse ambiente no qual toda a sociedade é posta para trabalhar, trazem uma contradição fundamental: por um lado, as novas formas de trabalho conferem uma imensa força produtiva à humanidade; por outro, entretanto, o capital é obrigado a impor novos sistemas de controle e de coerção, a fim de recuperar suas taxas de exploração.

É este último o objetivo do Capitalismo Mundial Integrado (CMI), conceito que já vinha sendo trabalhado por Guattari em textos anteriores e que sem dúvida será

o ponto de partida para a posterior construção do conceito de Império por Negri. Ultrapassando os limites do Estado e abrangendo não só a totalidade dos países capitalistas dominantes como também o bloco socialista e, quando necessário, os países do Terceiro Mundo, o CMI recobre a superfície do planeta, lançando seus tentáculos não só sobre o que é costumeiramente chamado de produção material, mas também sobre o que é aqui nomeado produção semiótica, um ramo produtivo que, através dos meios de comunicação de massa, dos equipamentos coletivos etc. assume um papel cada vez mais importante na exploração capitalista. Para recuperar o controle sobre a produção, a reestruturação do capital busca desarticular a coesão que o proletariado atingiu nos anos 1960, fabricando uma subjetividade tripolar constituída por um polo *elitista*, que inclui camadas dirigentes e estratos tecnocráticos do Leste, do Oeste e o Terceiro Mundo que aderem e reproduzem a ordem capitalista; um polo *garantido*, composto principalmente por trabalhadores industriais, assalariados e beneficiados pelas políticas de *Welfare*; um polo *não garantido*, formado pela massa de trabalhadores informais, precários, domésticos ou desempregados que atua especialmente nos novos interstícios da produção social.

Ao mesmo tempo em que surgem novas formas de subjetividade e de produção social, a sua tentativa de apropriação pelo capital torna-se um novo desafio aos saberes resistentes. A partir de 68 e pela primeira vez na história, as lutas contra a exploração são, ao mesmo

tempo e sobretudo lutas pela liberação. Novos devires subjetivos integrados aos processos de produção — devir-mulher, devir-intelectual, devir-linguístico — correspondem aos novos anseios e necessidades que se exprimem nas lutas. São lutas múltiplas, transversais e, muitas vezes, específicas — gênero, raça, meio ambiente etc. —, compondo uma multiplicidade não totalizável, um tecido de “lutas moleculares de liberação dirigidas a objetivos ao mesmo tempo imediatos e de longa duração, locais, cotidianos, triviais, e, não obstante, engajados com o futuro da humanidade”.

A política tradicional, por seu turno, se vê totalmente defasada e incompatível com o grande movimento de transformação da subjetividade coletiva. Isso é evidente quanto à esquerda tradicional, que assiste à derrocada dos partidos comunistas históricos. À direita, a resposta se dá em termos de bloqueio e de repressão. Sob a força do CMI, o comando estatal e os Estados nacionais são, ao mesmo tempo, desterritorializados de suas funções tradicionais e territorializados em redes multicêntricas segundo espaços descontínuos a partir de uma nova lógica consoante aos novos fluxos de capitais e as demandas da segurança visando a produção, a logística e os fluxos de capitais. Os Estados nacionais tornam-se mais e mais autárquicos e reativos. Para a integração capitalista a nível mundial, reestruturam-se o modo de produção e o conjunto da força coletiva de trabalho. As subjetividades são cada vez mais esquadrinhadas, tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pelas novas tecnologias

informáticas. Como afirmam os autores, “*as estruturas constitucionais e institucionais* dos países desenvolvidos do Ocidente e do Oriente foram duplamente minadas: *do interior*, por sua profunda inadequação; *do exterior*, por novas formas de protesto proletário, encarnadas na imensa massa de excluídos e de não garantidos”. Em um contexto de precarização, os não garantidos aparecem como o ponto de apoio *fundamental* ao processo de reconfiguração capitalístico da repressão e da marginalização. Por outro lado, no diagnóstico de Guattari e de Negri, os não garantidos assumem um papel de destaque no interior do quadro de poder em razão dos valores e do potencial produtivo de que são portadores.

A retomada do processo de liberação requer compreender as matrizes de ruptura que surgem desde os anos 1970 em decorrência dos novos agenciamentos proletários. Em sua crescente diversidade e complexidade, para os nossos autores todas tiveram origem nas prodigiosas mutações da força produtiva social, cada vez mais complexa, potente e desterritorializada. Assim, a segmentação tripolar promovida pelo CMI vê-se recoberta pela força oriunda da emergência das múltiplas subjetividades sociais. São anos marcados pela “emergência contínua de momentos de ruptura” provocados pelo *self-making* coletivo das novas subjetividades. Doravante as lutas se multiplicam, se comprimem no tempo, entrando em fricção permanentemente com a temporalidade que o comando capitalista procura construir visando a apropriação do trabalho social, afetivo, colaborativo. O diagnóstico dos autores é

de um tempo saturado por fluxos de experiência e de produção subjetiva, pelo impulso capitalista para a sua apropriação e pelas lutas de reapropriação pelos sujeitos. Esta é a experiência que se apresenta à crítica. Então, o que fazer? É ponto pacífico, atestam os autores, que os novos modos de subjetivação já cumpriram a tarefa de reorientar profundamente as tradições do movimento operário e revolucionário. A referência antagonista ao “proletariado moderno”, desterritorializado, precarizado e flutuante quer dizer: um movimento multicéfalo e uma organização proliferante que não propõe “palavras de ordem”, mas sim “proposições diagramáticas”.

As lutas se dão na sela dos fluxos de produção. As frentes de luta, enquanto “processos de autovalorização e autoprodução” — precisamente na contramão da precarização do trabalho e do agenciamento para o consumo ao ritmo dos meios de comunicação de massa —, significam para os nossos autores a fundação de uma outra política que implique o desenvolvimento das forças sociais em um campo necessariamente fragmentado. Para as “vanguardas” do arqueossocialismo, a mensagem é clara: cada componente singular do movimento desenvolve sistemas de valor que devem ser considerados em si mesmos e ao abrigo de toda totalização, impedindo qualquer “salto qualitativo”. Esses sistemas evoluem nas direções que lhes são próprias, mantendo relações contraditórias uns com os outros e, não obstante, “participam do mesmo projeto de construção de um novo tipo de realidade social”. Trata-se então de elaborar um projeto

na junção dos processos revolucionários de reconstrução da comunidade produtiva. É preciso uma nova economia política da transição com base no entrelaçamento dos programas particulares dos diferentes movimentos de gênero, ecologia, ciências, novas tecnologias e pacifismo. A paz é uma condição da revolução na medida em que a resposta coletiva é esboçada na tragédia que o capital impõe à vida. Na sombra da destruição, “uma exigência ética, de felicidade e de vida se afirma”.

Ao fim do livro, cinco tarefas somadas a três “proposições diagramáticas” são lançadas por Guattari e Negri aos movimentos futuros. A primeira diz respeito à redefinição concreta do trabalho, com o desenvolvimento, a defesa e a expressão dos novos agenciamentos e subjetividades produtivas, o que poderá tomar a forma de lutas por uma renda mínima universal. A segunda concerne à liberação do trabalho das formas de comando capitalistas, engendrando a tomada de controle do tempo produtivo individual e coletivo, bem como a apropriação social da riqueza gerada pelo trabalho. A terceira se refere às lutas contra o Estado, sobretudo contra suas funções repressivas, o que inclui a distinção do próprio movimento em relação ao modelo estatal, com sua centralização, suas burocracias, sua separação entre a fonte e o exercício do poder. A quarta, que recebeu um valor destacado nos tempos da Guerra Fria e da crise nuclear, aponta para as lutas pela paz e contra a ameaça de execução empreendida pelo CMI. A quinta, finalmente, assinala a necessidade da organização dos

novos movimentos, a fim de que eles consigam cumprir as tarefas anteriores.



À guisa de conclusão, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre a atualidade deste livro para o leitor brasileiro. Tanto Guattari quanto Negri têm uma relação especial com o Brasil. O primeiro visitou-nos com relativa frequência durante os anos 1980. Em suas vindas, recusava a posição de intelectual francês que lhe atribuíam. Em vez de oferecer grandes conferências em universidades, preferia as discussões em pequenos grupos, a tomada de contato com pequenas ou grandes dissidências, minorias e marginalidades.

O Brasil dos anos 1980 foi marcado por toda uma riqueza de movimentos políticos e sociais, desde as novas abordagens no campo psiquiátrico até a luta pela redemocratização. Dentre eles, o Partido dos Trabalhadores parecia particularmente interessante para Guattari, na medida em que prometia ser um foco absolutamente inovador da ação política. O entusiasmo de Guattari com esses movimentos pode ser conferido na entrevista concedida por Luís Inácio Lula da Silva a Guattari em 1982. “No Brasil”, aponta o nosso autor, testemunha-se “toda essa efervescência de ideias, de vontades de mudança que, por ocasião das próximas eleições do mês de novembro, irão provavelmente afundar a ditadura a que vocês estão sujeitos há dezoito anos”. Mas, é claro, não se tratava de

mera esperança eleitoral e tampouco de confiança exacerbada nas urnas ou num partido político. Era principalmente no terreno molecular que as coisas ocorriam, e se o PT despertava atenção e interesse, era na medida em que os “desejos de transformação, relativos a categorias sociais mais diversas, parecem ter-se encarnado no movimento de que ele se tornou articulador”.ⁱⁱ

Ademais, os desejos de transformação, a “inteligência e sensibilidade coletiva do Brasil”, não tinham para Guattari um interesse meramente regional. No contexto de um capitalismo mundial e integrado, as conquistas e fracassos das experiências que aqui se desenvolviam diziam respeito a todos aqueles que, ao redor do globo, chocavam-se com os mesmos tipos de impasse, paralisia e esclerose verificados tanto no âmbito do capital quanto no âmbito dos movimentos tradicionais de contestação. “Se vocês continuarem nesse ritmo em que estão engajados nesta espécie de transformação no Brasil, talvez vocês acabem nos enviando o elevador das revoluções moleculares”.ⁱⁱⁱ

Ocorre algo parecido com Negri. Em 2003, nosso país foi o seu primeiro destino após 24 anos entre prisão e exílio. Desde então, Negri vem retornando ao Brasil, tomando contato com as nossas questões políticas e sociais e, assim como Guattari, conhecendo as organizações, os partidos, os movimentos, enfim, os possíveis agentes de transformação locais. Essas ocasiões deram oportunidade para a produção de alguns materiais, como as re-

ⁱⁱ GUATTARI *in*: GUATTARI; ROLNIK. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 10^a ed. Petrópolis: Vozes, 2005, cap. 3, p. 237, modificada.

ⁱⁱⁱ *Ibid.*, cap. 8, p. 366.

centes “Impressões de uma visita ao Brasil” e a entrevista “Lula: governando com os movimentos”.^{iv} O entusiasmo com as movimentações políticas e sociais brasileiras também é grande em Negri. Entretanto, diferentemente de seu amigo francês morto em 1992, Negri pôde testemunhar as mais recentes reviravoltas do país desde os levantes de junho de 2013 até o impedimento da presidente Dilma Rousseff, que interrompeu a sequência de quatro mandatos presidenciais do PT.

Ao longo das páginas deste livro, o leitor poderá reconhecer um percurso claro. Na década de 1960, a irrupção da revolução, simbolizada por 68. Nos anos 1970, a reação capitalista, a derrota dos movimentos e a formação do Capitalismo Mundial Integrado. A partir dos anos 1980, o reaparecimento de movimentos contestatórios que, conquanto seu estado embrionário, permitiam o vislumbre de dias melhores e reanimavam as esperanças. Guardadas as devidas proporções e contextos, e nos precavendo contra qualquer paralelismo superficial, podemos observar um movimento semelhante no Brasil hodierno. Testemunhamos um período importante no qual a força da imaginação e das práticas sociais encontra-se diante de uma derrota que, num espaço curtíssimo de tempo, tem sido capaz de destruir avanços que, não obstante seus limites, foram fruto de árduas batalhas travadas ao longo dos anos desde a redemocratização. Nesse sentido, acreditamos que as análises de Guattari e Negri, expressadas neste

^{iv} Respectivamente, “Impressões de uma visita ao Brasil”. *in: Ponto de debate*, n 10, jan. 2017; “Lula. Governare con i movimenti” *in: Goodbye Mr. Socialism*. Milano: Feltrinelli, 2006.

livro, podem contribuir para o enfrentamento de nossas próprias questões. Diante da derrota, é preciso buscar e produzir o novo. Devemos abandonar “a passividade coletiva, a desmoralização, a desorientação, a desorganização das forças inovadoras que deixam o campo livre para ações cujos efeitos sociais são devastadores”, volvendo-nos na direção da construção de novos espaços de liberdade. Apressememo-nos.

Mario Antunes Marino
Jefferson Viel